

TRANSMISSÃO PSÍQUICA GERACIONAL EM TEMPOS DE HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL

Fernanda Ribeiro Palermo¹

Carla Martins Mendes²

Resumo: Neste artigo, discutiremos os impactos na transmissão psíquica geracional em tempos de hibridização cultural, com base no aporte teórico das ciências sociais e da psicanálise de casal e família. A reflexão assenta na problemática da hibridização cultural face ao desenraizamento das origens que, ao promover o autoengedramento familiar, impacta nos processos de transmissão psíquica transgeracional. Para tanto, sustentamos que a ancoragem à origem é assegurada pela historicização familiar permitindo a flexibilidade psíquica e cultural.

Palavras-chave: Transmissão psíquica. Família. Imigração. Hibridização. Cultura.

Abstract: In this article, we will discuss the impacts on generational psychic transmission in times of cultural hybridization, based on the theoretical contribution of the social sciences and couple and family psychoanalysis. The reflection is based on the issue of cultural hybridization in the face of the uprooting of origins, which, by promoting family self-engineering, impacts on the processes of transgenerational psychic transmission. To this end, we maintain that anchoring to the origin is ensured by family historicization, allowing for psychic and cultural flexibility.

Keywords: Psychic transmission. Family. Immigration. Hybridization. Culture.

¹ Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Especialista em Psicoterapia de Casal e Família, pela PUC-Rio. Membro efetivo da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família – ABPCF e da *Association Internationale de Psychanalyse de Couple et de Famille* – AIPCF.
fernandapalermo.fp@gmail.com

² Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Especialista em Psicoterapia de Casal e Família, pela PUC-Rio. Membro efetivo da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família – ABPCF e da *Association Internationale de Psychanalyse de Couple et de Famille* – AIPCF.
carlamartimendes@gmail.com

Introdução

A percepção de mundo globalizado e homogêneo tornou-se um desafio face aos crescentes deslocamentos migratórios. Classicamente, as migrações são eventos sociais que se desenvolvem de acordo com diferentes contextos históricos, sociais, culturais e políticos. Fenômeno complexo, sempre existiu ao longo da humanidade, apresentando características, causas e desdobramentos específicos de acordo com a época.

Os intensos movimentos entre fronteiras, migrações, turismo de massa ou expatriação, facilitados pelo desenvolvimento tecnológico, levaram várias correntes das ciências humanas a importar a noção de hibridização do campo biológico. Enquanto fenômeno que molda e reformula a experiência humana, o hibridismo cultural se torna o principal efeito da globalização (BHABHA, 1998; CANCLINI, 2007; HALL, 2014).

O hibridismo cultural refere-se à permanente e complexa interação entre múltiplas culturas que criam uma terceira cultura, consequência das mídias globais, economias transnacionais, fluxos migratórios, entre outros, repercutindo nas identidades. (CANCLINI, 2007, p. 33). (HALL, 2014, p. 14). Nesse sentido, Hall (2014, p. 86) denominou de identidades culturais a permanente construção de significados com base na diversidade e na heterogeneidade da experiência humana. A denominação no plural retrata a multiplicidade de mudanças, encontros e desencontros que atuam no processo identitário, construído por meio da tensão entre as representações de sujeito, de cultura e de espaços de mobilidade.

Segundo o autor, a identidade local, outrora estável, fixa e contínua, promovia a ancoragem às tradições dos diferentes grupos culturais. Com a globalização, as identidades passam a se apresentar como um processo fragmentado e fraturado. Influenciado por forças culturais globais, o desenvolvimento de identidades híbridas se torna um fenômeno particularmente complexo entre a população migrante, dado que o valor cultural único e compartilhado cede lugar a um processo de transformação operado por rupturas e descontinuidades (p. 10-13).

Diante do valor polissêmico do termo cultura, consideraremos aquele proposto por Plivard (2014, p. 8): um sistema coerente de produção simbólica e de práticas de um grupo constituído pela história e pelo território. Desse modo, a concepção de cultura e de identidade híbrida, advinda da globalização, põe em destaque a transformação das identidades étnicas. Essa transformação é reflexo dos heterogêneos fluxos migratórios por diferentes origens, o que demanda permanente negociação e fluidez para lidar com as contradições e dilemas inerentes ao processo. Nessa direção, Bhabha (1998, p. 51) argumenta que a experiência moderna de

mobilidade humana ocupa um espaço que não é nem 'um' nem 'outro', denominando-o de terceiro espaço, ou espaço híbrido. Esse terceiro espaço seria marcado pelo "inter", espaço de negociação, que funciona como intermediário entre culturas. Afastando a ideia de mistura cultural, o autor se refere ao hibridismo cultural, destacando a diversidade e a negociação como produtos de uma evolução histórica, pós-colonial (67-68).

Toda essa transformação repercute nos processos de subjetivação e na apropriação das identidades culturais. Arnett (2002, p. 777-778) debruçou-se sobre as consequências da globalização na cultura e na identidade em imigrantes, ressaltando a confusão identitária como principal consequência das rápidas mudanças culturais globais. As diferentes representações simbólicas desencadeariam um conflito interno, o que levaria os sujeitos a contestarem a capacidade da cultura de origem de lidar com as necessidades, demandas e exigências globais. Na concepção do autor, a cultura dominante, estaria mudando tão rapidamente que levaria muitos imigrantes a apresentar dificuldades na apreensão do sentimento de pertencimento. Como resultado disso, os imigrantes não se manteriam ancorados na sua cultura de origem, nem desenvolveriam recursos psíquicos que lhes permitissem pertencer à cultura de acolhimento, despontando confusão psíquica e alienação.

A relação entre cultura e subjetividade é elucidada, também, por Nathan (2013, p.33), quando o autor se refere à cultura como uma função continente, um recipiente psíquico. Amparado nas teorias de D. Anzieu sobre o eu-pele e envelope psíquico, Nathan (2013, p. 130) define cultura como um sistema fechado que, em caso de perda, deve ser reconstituído, pois ele desempenha função de contenção do eu e de asseguramento da coesão psíquica a partir da cultura internalizada. Ao indicar que a subjetividade e a cultura mantêm relações homeostáticas, defende que a cultura internalizada deve contar com o sustento da estrutura cultural externa para se manter funcional. É por meio da dialética entre o interno e o externo que a cultura participa na constituição do funcionamento intrapsíquico. O autor postula, ainda, que, no contexto migratório, a perda do enquadre interno da cultura original conduz a uma transformação do padrão cultural original interno.

Nesse cenário, partimos da ideia de que, diante das transformações do mundo contemporâneo com suas diversidades, as famílias atravessadas pela migração possuem um maior desafio na sustentação das origens e no pertencimento identitário. Ao contrário de épocas pregressas, em que os estudos sobre famílias exogâmicas incidiam sobre as categorias étnicas, culturais ou linguísticas, focamos a nossa discussão sobre o processo de transmissão psíquica das origens e dos valores simbólicos impressos no encontro com as diferenças culturais.

O lugar subjetivo ocupado pelas famílias no campo social está na pauta. Os descendentes são depositários de conteúdos transmitidos pela filiação e pela afiliação por meio das representações psíquicas culturais. A transformação identitária nos descendentes é operada por meio de processos identificatórios e da articulação entre os diferentes espaços subjetivos do vínculo familiar. Tomando por base a noção de vínculo proposta por R. Kaës (2015, p. 84) - uma realidade psíquica específica construída pelo encontro entre dois ou mais sujeitos -, o objetivo deste trabalho é refletir sobre os impactos na transmissão psíquica geracional em tempos de hibridização cultural.

Imigração e vínculos familiares

Os estudos sobre a exogamia familiar fazem parte do contexto das transformações observadas nas relações de casal e de família ao longo das últimas décadas. Apenas na segunda metade do século XX, a exogamia passou a ser considerada como elemento constituinte do processo migratório, Segundo Le Gall e Therrien (2013, p. 3), o transnacionalismo, associado à manutenção de redes afetivas, tecnológicas, entre outras, permitiu uma abordagem migratória com base na construção de territórios instituídos por vínculos familiares, econômicos e simbólicos entre fronteiras.

O que se observa atualmente é o crescente aumento dos estudos sobre famílias mistas, decorrente da evolução da diversidade cultural e das suas especificidades, que vão desde a construção do vínculo conjugal ao exercício da parentalidade. Todo esse cenário é permeado por questões psíquicas, geracionais, sociopolíticas e de cidadania.

A experiência migratória é considerada, portanto, um evento familiar com desdobramentos que vão desde as famílias de origem, passando pelo núcleo familiar constituído, alcançando a transmissão de heranças psíquicas às gerações futuras. À vista disso, as famílias marcadas pela migração possuem uma temporalidade psíquica forjada por processos contraditórios, perpassados por rupturas, perdas e reconstruções. Isso porque, junto com o deslocamento geográfico, ocorre um atravessamento temporal que repercute nas origens e no tempo presente.

O tempo cronológico de cada membro da família está vinculado à sua posição na cadeia geracional e às transmissões recebidas. O tempo cronológico é, portanto, um processo dinâmico que repercute na temporalidade psíquica de cada membro do grupo familiar, já que ele é

constituído por elementos de diferentes gerações e assegura a identidade familiar. O processo de deslocamento geográfico, marcado por uma dialética entre origem e destino, promove mudanças culturais que impactam o psiquismo e a temporalidade do migrante.

Neste sentido, todo o processo migratório é perpassado por uma dimensão traumática, sendo o sofrimento psíquico diretamente ligado à qualidade dos vínculos com a família de origem, aos motivos que desencadearam o deslocamento e às condições de acolhimento na cultura de destino. Por conseguinte, a identidade do imigrante é pensada com base na condição de vulnerabilidade psíquica, social e familiar oriunda da complexidade do deslocamento migratório, que impacta os processos conscientes e inconscientes com repercussões familiares e geracionais.

Ao nos referirmos às famílias em contexto migratório, estamos diante do que é da ordem do familiar e do estranho, do conhecido e do que precisa ser reconhecido para ser integrado no psiquismo. Neste contexto, Kaës (1998, p. 1-11), para se referir à diferença cultural, utiliza o conceito de S. Freud de diferença, associado à ideia de estranho, de desprazer e de hostilidade. Nomeou de terceira diferença a introdução do sujeito na afiliação, que engloba as identificações compartilhadas e as alianças psíquicas narcísicas e defensivas, necessárias para a convivência em sociedade face ao não familiar. A transgressão da terceira diferença institui o outro no campo da inimizade e da subversão. A segurança respaldada pelos grupos de pertencimento, família e sociedade de origem, é confrontada com as diferenças e a alteridade de outra cultura, exigindo uma reorganização subjetiva.

Diante da complexidade da discussão, é posto que a migração é um fenômeno que coloca à prova o aparato defensivo frente à mestiçagem cultural, uma vez que as famílias de migrantes são expostas a diferentes universos culturais: cultura da família de origem, de um lado, e a cultura de origem, de outro. A diversidade cultural, que perpassa as famílias em contexto migratório repercute na conjugalidade e na parentalidade, fazendo emergir modos de subjetivação entrelaçados em rupturas e recriações, repercutindo na transmissão psíquica entre as gerações.

Transmissão Psíquica entre gerações

A transmissão psíquica entre gerações é ancorada na concepção de sujeito inscrito na cadeia genealógica a partir de seu nascimento, tornando-se portador de conteúdos que mantêm a continuidade da linhagem e asseguram a historicidade familiar. Cada sujeito está inscrito em

uma cadeia genealógica que o antecede e da qual participa. Desse modo, a transmissão psíquica geracional é uma das funções primordiais da família, sendo aquilo que circula entre os ascendentes em direção aos descendentes um modelo prototípico de pais para filhos, de avós para pais e assim por diante.

A transmissão também se traduz pelo modo como os descendentes recebem e colocam em trabalho psíquico os legados, que inclui a devolução de material recebido para as gerações anteriores, seja de forma simbolizada e criativa, seja forjada pela repetição. É o caráter dialético e assimétrico entre os membros da família que promove laços de filiação e de afiliação, ensejando o sentimento de pertencimento. A transmissão tem, portanto, uma função organizadora que garante as três diferenças fundadoras da família: a diferença entre si e o outro (alteridade), a diferença entre os sexos e a diferença entre as gerações (HOUZEL, 2006, p. 51).

Estamos alinhadas à concepção de transmissão psíquica proposta por Kaës (2015, p. 75), que possui como premissa o sujeito advir do grupo e ser sujeito de múltiplos grupos, habitando vários espaços psíquicos intersubjetivos. Segundo o autor, o que está em jogo na transmissão é a própria formação do inconsciente e os efeitos na subjetividade produzidos pela intersubjetividade. Sendo assim, o grupo precede o sujeito, que recebe heranças por meio das representações simbólicas, dos processos identificatórios e da transmissão psíquica.

Os conteúdos elaborados transmitidos entre as gerações configuram a transmissão intergeracional, o que viabiliza a apropriação da cultura e das origens pelo sujeito. Mas o que é transmitido e o que constitui a pré-história do sujeito não é somente o que o sustenta e o assegura, há também aquilo que se herda por meio do que não pôde ser contido, retido, aquilo que não está acessível à memória, mas está inscrito no psiquismo familiar e será depositado e transferido às gerações posteriores. Trata-se da falha, da clivagem, da transmissão de lutos não elaborados por meio da transmissão transgeracional.

Sob essa ótica, o sujeito se constitui por meio das heranças psíquicas transmitidas ao longo das gerações e pela cultura, o que assegura seus laços de filiação e afiliação e o seu lugar na genealogia. Para Kaës (2012, p. 30), a cultura precede a família e a atravessa, o que contribui para a urgência de transmissão como condição de conservação identitária. No caso dos descendentes de famílias migrantes, há a especificidade de eles vivenciarem uma dupla referência cultural, a dos pais e a da sociedade de acolhimento, o que faz com que a transmissão psíquica seja pensada com base nos processos psíquicos subjacentes ao fenômeno migratório.

Para melhor entendermos a dimensão psíquica da cultura na família de migrantes, recorreremos a Rouchy (2014, p. 63), que considera a família como um grupo de pertencimento

primário e matriz de identidade cultural - base partilhada em que ocorrem os processos de singularização. Os limites do sujeito e do grupo, como também os limites do eu e do não eu, do dentro e do fora, do imaginário e do real, possuem seus alicerces nessa base cultural. A apreensão do mundo compartilhado ocorre com base nos sistemas de pensamento, e a subjetividade é vista como tributária da intersubjetividade.

A inscrição na linhagem familiar se ancora no que Rouchy (2014, p. 64) nomeou de incorporados culturais, elementos inconscientes que organizam o espaço relacional e o tempo vivido, tanto no âmbito interno como no externo. O sujeito é enlaçado por vias previamente programáticas e não mentalizadas que propiciam as interações. Para o autor, apoiado nas noções de D. Winnicott sobre a relação corporal estabelecida entre a mãe e o bebê, marca inicial da experiência cultural, essa incorporação ocorre por meio de uma comunicação somatopsíquica, de forma semelhante àquela direta de um corpo com o outro.

É na comunicação mais primária, anterior à linguagem, que os incorporados culturais atuam como condutores naturais que servem de alicerces para o advir das associações de ideias. Eles são anteriores à relação de objeto e se estabelecem com base em uma base comum partilhada inconsciente que fornece elementos para o advir dos processos de singularização e de elaboração psíquica. Nessa direção, consideramos que os incorporados culturais integram os conteúdos inter e transgeracionais que atuam no aparelho psíquico familiar (RUFFIOT, 1981) e funcionam como limites que dão forma e contenção ao que é transmitido entre as gerações.

Pautadas na formulação acima, reiteramos que o sujeito possui uma origem que é indissociável do grupo primário, uma vez que os incorporados culturais atuam como uma rede de interações geracionais que antecede o sujeito e o fornece suportes subjetivos. É por meio deste esteio que o sujeito internaliza os elementos da cultura de origem e passa a se reconhecer parte dela. Como proposto por Moro (2010, p. 5), a noção de cultura engloba a dimensão de um significado internalizado e compartilhado que cumpre as funções de humanização e de sustentação do sujeito.

Com base na frase de G. Roheim, “não existe homem sem cultura”, Moro (2010, p. 20) refere-se à mestiçagem como o processo de transmissão enquanto fenômeno dinâmico que se funde a partir da segunda geração, antes mesmo do nascimento dos sujeitos. Denominou de “berço cultural” o modo como a criança é investida e percebida culturalmente antes do seu nascimento, observando que a cultura resulta da determinação de conhecimentos implícitos, comuns a todos os indivíduos, e da transmissão entre gerações (MORO, 2010, p. 39). O “berço cultural” ancora o registro familiar como signo de identidade e de pertencimento. O registro

familiar é inscrito no psiquismo como um patrimônio histórico, social e cultural, tornando-o indissociável da memória familiar.

Neste sentido, entendemos que a historicização do sujeito é garantida pelo processo da memória familiar. Muxel (2007, p. 13) inscreve a memória familiar na construção permanente da história familiar que dá sentido ao passado e se manifesta nas lembranças, por via imagética, pelos objetos, pelas impressões e pelas sensações. A autora aponta três funções da memória familiar: a função de transmissão, de revivescência e de reflexividade. A primeira se refere à memória ligada aos vínculos genealógicos, com valor simbólico de pertencimento familiar. A memória de revivescência diz respeito às percepções e às sensações experimentadas, sobretudo, na infância. Tem uma função atemporal, o passado e o presente se entrecruzam, atualizam e reeditam sentimentos. Por fim, a função reflexiva incide sobre uma avaliação das vivências do passado. É um tipo de memória mais seletiva, está em questão a reconstituição do passado, envolvendo sofrimento psíquico.

A memória familiar integra o que será transmitido entre as gerações, sendo parte importante do processo de subjetivação dos sujeitos. O termo geração aponta, por um lado, para uma dimensão genealógica, no sentido de ancestralidade, e, por outro, reporta-se a uma dimensão dentro de uma mesma temporalidade geracional, tornando a transmissão o reflexo de como o tempo é percebido e vivenciado ao longo das gerações. Nesse sentido, a transmissão se refere a uma temporalidade geracional percebida em tempos históricos e sociais que se desenvolve em espaços simultâneos, ainda que diferenciados.

Plivard (2014, p. 15) observa que a identidade cultural é fortemente determinada pelos modelos de integração parental. Se o trânsito entre culturas ocorrer de modo conciliador, no sentido de perceberem uma identidade cultural compatível, é possível que as gerações seguintes desenvolvam uma cultura emergente, uma terceira cultura capaz de integrar a diversidade. Em oposição, as diferentes referências culturais poderão ser fonte de conflito interno, nomeadamente nos casos em que sejam forçados a escolher entre uma ou outra cultura, levando muitas vezes à negação de uma parte da origem.

Diante dos atravessamentos vividos pelas famílias migrantes, torna-se quase imperativa a necessidade de historicização. É por meio da narrativa sobre a própria biografia que acontece a apropriação das origens, permitindo aos sujeitos o trânsito na diversidade. As motivações migratórias, inscritas em tempos e espaços flexíveis, contribuem para a transmissão de tradições, de crenças e de valores de modo mais difuso e abrangente. O encontro da família com seus alicerces simbólicos se entremeia com a ativação da criatividade na elaboração das perdas

relativas ao desenraizamento e seus subsequentes processos de lutos. Todos esses fatores têm maior impacto se considerado que a constituição de famílias transculturais ocorre, sobretudo, no contexto migratório e em sociedades cada vez mais interculturais. Sob essa ótica, a transmissão psíquica teria uma elaboração que comportaria algo de novo, de integrativo.

Em contrapartida, quando há dificuldade de elaboração dos lutos relativos à migração, as gerações seguintes são impactadas por sofrimentos, não ditos, segredos - marca da transmissão transgeracional. A problemática da transmissão psíquica nas famílias de migrantes está no seu caráter transgeracional, uma vez que o risco é do apagamento das raízes e, ao apagá-las, o sujeito passaria a ser refém das aparentes facilidades de mobilidade, oportunizada pela comunicação tecnológica. Tornar-se-ia, assim, errante, à procura de si mesmo. Quando não há a apropriação das origens, o que inclui a história migratória e genealógica, ocorre uma redução na mobilidade psíquica.

O estreitamento de mobilidade psíquica impacta o encontro com a cultura por várias gerações, enredando-as na transmissão transgeracional. O desenraizamento familiar e cultural pode ativar nos sujeitos mecanismos defensivos complexos e ambíguos, suscetibilizando-os a uma desintegração psíquica transitória ou prolongada no tempo. Vale destacar que a motivação, primeira etapa subjetiva do processo migratório, está ancorada nas representações psíquicas sobre a família de origem e não apenas inclui elementos relativos à liberdade e ao pertencimento, como também diz respeito ao desejo de ruptura e de distanciamento das origens.

Quando as fronteiras entre as gerações se tornam frágeis ou até mesmo invertidas, desponta um estado confusional na família. Se a genealogia é atacada, há o risco da ativação de fantasias de autoengedramento, que trabalham contra o reconhecimento da cena primitiva e em favor de uma autossuficiência narcísica. As fantasias de autoengedramento dizem respeito a um tipo de investimento psíquico familiar, uma espécie de ilusão grupal que opera segundo a lógica da fusão e da indiferenciação, impedindo a historicização do grupo familiar. (DURET, 2000 p. 130; MAQUEDA, 2003, p. 33).

A ilusão grupal foi nomeada por D. Anzieu como um desejo de segurança grupal, representando uma defesa coletiva contra a ansiedade persecutória comum que, como um eu ideal comum, substituiu o eu ideal de cada membro do grupo (MENDES, 2021, P. 282). Assente na convicção de que o grupo deve atender a todas as suas expectativas, a ilusão grupal funciona como uma defesa contra a angústia da perda, cumprindo a função de realização de desejos primários. (PALERMO; MAGALHÃES, 2021, p.18).

Neste contexto, o autoengendramento familiar promove o fechamento da família em si mesma, oportunizando a circulação da fantasia compartilhada de que a existência da família prescinde das gerações anteriores. O resultado deste fenômeno é a confusão nos vínculos familiares e o estreitamento dos espaços psíquicos de cada membro da família, ensejando uma armadilha: na medida em que a família recusa as heranças e as origens, abre-se um precedente para a transmissão transgeracional de uma herança maldita às futuras gerações. Face ao silêncio e ao apagamento das origens, o futuro passa a ser um tempo incerto e nebuloso, balizado no vazio subjetivo.

Considerações finais

A transmissão psíquica geracional em tempos de hibridização cultural é desafiada pelos impactos do processo migratório que colocam em causa a continuidade psíquica e geracional, revelando, muitas vezes, falhas na historicidade familiar. A apropriação das múltiplas referências culturais se torna um desafio à transmissão de um patrimônio geracional e cultural. O autoengendramento, enquanto fantasia que reforça a ilusão familiar de autossuficiência, pode ser acionado como um recurso defensivo do grupo familiar. Como consequência, desponta um esvaziamento simbólico na ligação entre passado e futuro e um precário sentimento de pertencimento identitário. Esse é o terreno fértil para o apagamento com base em profundos conflitos psíquicos e geracionais, reverberando na transmissão das heranças psíquicas.

Sustentamos a ideia de que a apropriação da origem é o esteio que permite ao sujeito atualizar, reeditar e transformar as múltiplas referências culturais que o compõem. A ancoragem à origem é amparada pela memória familiar - que viabiliza a reinvenção da identidade familiar a cada geração e garante a flexibilidade psíquica necessária para o trânsito entre as múltiplas referências culturais. Assim sendo, pensar na diversidade cultural é também considerar uma rica fonte de criatividade e de transformação na redefinição de novos lugares subjetivos, sociais e culturais.

Referências Bibliográficas

ARNETT, Jeffrey. **The psychology of globalization**. American Psychologist, 57, 10, 2002 p. 774-783, <https://doi:10.1037//0003-066X.57.10.774>

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. UFMG: Belo Horizonte, 1998.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2007.

DURET, Isabelle. L'auto-engendrement : une solution pour échapper au destin familial? Considérations systémiques sur les répercussions transgénérationnelles des traumatismes et les solutions imaginées par les familles pour les contourner. **Thérapie Familiale**. 21, p.129-140. 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora Lamparina. 2014.

HOUZEL, Didier. As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (org.), **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio** (pp. 47-51). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

KAËS, René. **L'extension de la psychanalyse. Pour une métapsychologie de troisième type**. Paris: Dunod. 2015.

KAËS, René. **Différences culturelles et souffrances de l'identité**. Paris: Dunod. 1998.

LE GALL, Josiane; THERRIEN, Catherine. Introduction. Lien conjugal, migration et transnationalisme : reconfiguration des formes de conjugalité et impacts sur les processus d'intégration et de construction identitaire. **Diversité urbaine**, 13, n 2, 2013, p. 3-8 <https://doi.org/10.7202/1025158>.

MAQUEDA, Francis. Fantasmies d'auto-engendrement. Mythe fraternel et attaque de l'altérité dans des groupes d'adolescents. **Le Divan familial**. N.10, 2003/1, p. 33-44 <https://doi.org/10.3917/difa.010.0033>

MENDES, Carla Martins. Ilusão familiar. In: LEVISKY, Ruth; DIAS, Maria Luisa;

LEVISKY, David. **Dicionário de psicanálise de casal e família**. Blucher, 2021.

MORO, Marie Rose. **Grandir en situation transculturelle**. Bruxelles: Yapaka. 2010.

MUXEL, Anne. **Individu et mémoire familiale**. Paris: Hachette. 2007.

NATHAN, Tobie. **La folie des autres. Traité d'éthnopsychiatrie générale**. Paris: Dunod. 2013.

PALERMO, Fernanda Ribeiro; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços familiares e sensorialidade: diálogos sobre o grupo e o singular. **Passages de Paris**, n. 19, 1, 2020, p.8-21. www.apebfr.org/passagesdeparis

PLIVARD, Ingrid. Psychologie interculturelle. **De Boeck Supérieur: Le point sur... Psychologie**, 2014.

<https://www.cairn.info/psychologie-interculturelle--9782804189365.htm>

RUFFIOT, André. Appareil psychique familial et appareil psychique individuel, hypothèses pour une onto-éco-génèse. **Dialogue - Familles & Couples**, n.72, 1981.

ROUCHY Jean-Claude. Processus archaïque et psychanalyse du lien. **Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe**, n° 62, 2014/1, p. 53-65. DOI:10.3917/rppg.062.0053. URL: <https://www.cairn.info/revue-de-psychotherapie-psychanalytique-de-groupe-2014-1-page-53.htm>

